

A TRANSFORMAÇÃO DO EXÉRCITO BRASILEIRO E O FIM DA HISTÓRIA

General de Brigada Afonso Henrique Ignácio Pedrosa

O General de Brigada Pedrosa é o Diretor de Serviço Militar. Aspirante a Oficial de Artilharia em 1982, é graduado em História pelo CEUB (Brasília/DF) e pós-graduado em História Militar pela UNIRIO (Rio de Janeiro/RJ) e em Defesa pela Escuela de Defensa Nacional (Argentina). Coursou a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, onde foi instrutor de Estratégia, Política e Liderança. Foi analista de Inteligência Estratégica do Ministério da Defesa e de Política e Estratégia do Estado-Maior do Exército. Comandou o 12º Grupo de Artilharia de Campanha, Jundiaí/SP, o Forte de Copacabana e Museu Histórico do Exército, e a Artilharia Divisionária da 3ª Divisão do Exército, Cruz Alta/RS (afonsohenrique2000@hotmail.com).



O presente artigo objetiva trazer algumas reflexões sobre a base conceitual da transformação do Exército Brasileiro explicitada no artigo de autoria do General Novaes, publicada na 1ª edição da Doutrina Militar Terrestre em Revista. Concretamente, o Exército necessita dessa transformação, contudo devemos entender em que consiste isso. Afinal o que é transformação? Transformar requer uma modificação de essência. Não se pode limitar a aspectos formais, necessita ser profunda. Transformar é partir do que se “é” para aquilo que se “quer ser”. Sem esses dois marcos não alcançaremos nossos objetivos ou nos desviaremos, correndo o risco de nos transformarmos em algo pior do que éramos.

A base conceitual para o que “queremos ser” tem como fonte, segundo o artigo do Gen Novaes, o livro “A Utilidade da Força” do general inglês *Rupert Smith*, que proclama vaticínios que pecam pela falta de fundamento histórico, fruto de uma análise de curto prazo que despreza as permanências históricas. Esse contexto não é primazia de nossa época. Sempre quando se alcança um ponto de inflexão nas variáveis históricas estabilidade/instabilidade civilizatória, os analistas de época proclamam rupturas com o passado e criam “novas eras”, negando as relações de causa e efeito que se revezam historicamente e esquecendo os componentes antropológicos e sociológicos da

civilização humana. Desse modo, já tivemos o “fim das guerras e o primado do pacifismo” [1], ao final da Primeira Guerra Mundial; o “fim da História e do Socialismo”, logo após a Queda do Império Soviético; e o “fim do Estado”, no período subsequente a esse. Em relação à doutrina militar, defendeu-se o fim das tropas de ocupação, substituídas pela eficácia do apoio de fogo terrestre e aéreo, logo depois da Primeira Guerra do Golfo. Se esses analistas considerassem estudos de longo tempo, com base na História, concluiriam que Estado, Individualismo, Coletivismo e, nosso escopo, Guerra são processos milenares humanos e que caracterizaram todas as civilizações.

A guerra é um fenômeno estritamente humano que acompanha o processo social e civilizatório da espécie humana. Sempre existiu, sua ausência ou limitação só seria possível fruto de uma modificação moral e ética profunda, o que é estritamente improvável face ao conjunto de valores que sustentam o atual sistema sócio-político-econômico. Sua motivação tem se modificado ao longo dos milênios: guerra moral, pela honra, religiosa, razões de Estado, ideológica ou por recursos econômicos. Sob a ótica de suas dimensões, tem se ampliado, da guerra de legiões, restrita à expressão militar, para a guerra total, capaz de envolver todas as expressões do poder e todos os cidadãos de uma nação. Quanto aos motores psicológicos, apoia-se em crenças e ideologias, algumas fundamentalistas, apocalípticas ou messiânicas que podem expandir, perante uma sociedade, ilimitadamente a liberdade de ação a ponto do emprego maciço da expressão militar, incluindo o armamento nuclear.

Os prelúdios das guerras contidas e limitadas, premissa básica de nossa transformação, hoje intitulada de “Guerra no Meio do Povo”, sempre surgiram entre as guerras de grande extensão. Isso ocorre porque ao final de uma grande guerra é determinada uma nova configuração de preponderância estratégica dos vencedores, um novo período de estabilidade determinada pela nova ordem que emerge do conflito. Determinar que esses prelúdios tornar-se-ão a tônica principal nas relações conflituosa entre as nações é, no mínimo, temerário e desprovido de base histórica,

levando nossa transformação a caminhos que podem colocar em risco a soberania e a autodeterminação de nosso país.

A História não se assenta sobre determinismos, mas aponta consequências prováveis para situações comparáveis. Se formos buscar base histórica, teremos períodos de confronto intenso e subsequentes períodos de estabilidade com conflitos de baixa intensidade controlados, até que a estabilidade seja desconstruída por novos atores, tendo, normalmente como ápice, uma nova guerra de grande extensão. Com base nas permanências históricas, pode-se fazer uma breve análise desse processo levando-se em conta seis categorias para estudo:

- 1ª) Conflito Extenso Gerador da Nova Ordem;
- 2ª) Nova Ordem, atores;
- 3ª) Base Subjetiva da Nova Ordem;
- 4ª) Base Política da Nova Ordem;

5ª) Conflitos de Baixa Intensidade Controlados pela Nova Ordem (estes são considerados limitados pela pequena quantidade de tropas envolvidas e de baixas ou por sua limitada capacidade de influir ou modificar a ordem existente); e

6ª) Novos Fatores de Instabilidade Ameaçadores da Ordem (atores emergentes, base subjetiva emergente, base política emergente).

A título de exemplificação, tendo como laboratório um período não muito extenso para análise histórica, será realizada uma exposição sucinta do período compreendido entre a Paz de *Westfália* e os dias atuais. Tudo com o intuito de trazer reflexões sobre o fim da guerra convencional e a eleição da “guerra no meio do povo” como a possibilidade preponderante a ponto de pensarmos que as tropas blindadas e o apoio de fogo são incomensuravelmente inferiores à mira holográfica do fuzileiro que combate nos conflitos de baixa intensidade nos centros urbanos.



Combatente utilizando um fuzil com mira holográfica

Período entre a Paz de Westfália (1648) à Revolução Francesa (1789), 140 anos de estabilidade controlada

1ª) Conflito Extenso Gerador da Nova Ordem: Guerra dos Trinta Anos. O conflito absorve cerca de 400.000 combatentes e envolve toda a Europa. A Alemanha perde mais de um terço de sua população [2].

2ª) Nova Ordem, atores: equilíbrio do poder incidental (incapacidade de um Estado impor sua vontade aos demais), praticamente um *laissez-faire* nas relações internacionais, quando o equilíbrio seria alcançado naturalmente.

França como maior poder continental, Inglaterra com capacidade de criar alianças momentâneas com os demais Estados continentais.

3ª) Base Subjetiva da Nova Ordem: as razões de Estado devem ser preponderantes sobre as motivações morais ou religiosas. Acreditava-se que os Estados seriam mais racionais que as diferenças de visão religiosa ou moral dos povos.

4ª) Base Política da Nova Ordem: monarquias consolidadas em Estados.

5ª) Conflitos de Baixa Intensidade controlados pela Nova Ordem: as guerras tornam-se limitadas em suas motivações e efeitos, face à ausência de componentes psicológicos explorados no seio das populações. Invasão da Silésia pela Prússia; Sucessão Espanhola; Sucessão Polonesa; Sucessão Austríaca. Há a incidência de um conflito médio, precursor do próximo conflito extenso: a Guerra dos Sete Anos (cerca de 120 mil combatentes).

6ª) Novos Fatores de Instabilidade Ameaçadores da Ordem: ascensão de novos atores: Rússia e Prússia; vazio estratégico criado pela pulverização de Principados na Europa Central e o surgimento de motivações ideológicas/psicológicas na França (ideais republicanos e princípios morais – liberdade, igualdade e fraternidade).

PERÍODO ENTRE A REVOLUÇÃO FRANCESA (1789) E A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL (1914/1918), 100 ANOS DE ESTABILIDADE CONTROLADA

1ª) Conflito Extenso Gerador da Nova Ordem: Período Napoleônico. O número de perdas humanas chega a 2,5 milhões e o de combatentes mais do que 2 milhões. O conflito envolve todas as nações europeias.

2ª) Nova Ordem, atores: Equilíbrio do poder intencional, aumenta-se a dificuldade para um Estado romper o equilíbrio. Procura-se conter qualquer retaliação contra a nação vencida (França), de modo a não alimentar ressentimentos. Definição de um sistema de congressos para debater as crises e solucioná-las diplomaticamente. Criação da Santa Aliança

(Prússia, Áustria e Rússia) e a Quádrupla Aliança (Prússia, Áustria, Rússia e Inglaterra), com a finalidade de manter a estabilidade. A partir da Guerra Franco-prussiana (início da fase de instabilidade) essa estrutura passa a ser substituída pela *Realpolitik*, versão modernizada das razões de Estado. O último suspiro da estrutura de congressos é a Conferência de Berlim que reparte a África sob o escopo do princípio da racionalidade.

3ª) Base Subjetiva da Nova Ordem: sobreposição da

legitimidade dos Estados sobre as aspirações populares e do direito natural (o direito que se desenvolve fruto da tradição e da evolução histórica de cada comunidade) sobre o direito universal. A democracia, saída da experiência francesa entre 1789 e 1815, é considerada perigosa, desestabilizadora e imprevisível.

4ª) Base Política da Nova Ordem: - monarquias consolidadas em Estados, contudo com limitações constitucionais.

5ª) Conflitos de Baixa Intensidade controlados pela Nova Ordem: revoluções de 1830 e 1848 (reprimidos em conjunto pelos Estados da Santa Aliança), Guerra da Crimeia; Guerra do Ópio; Independência Italiana, Unificação da Alemanha, Guerra dos Bôeres, Guerra Anglo-Zulu, Guerra dos Boxers [3]. Há a incidência de dois conflitos médios, precursores do próximo conflito extenso: a Guerra Franco-Prussiana (cerca de 800 mil combatentes e 200 mil baixas) e a Guerra da Secessão Norte-Americana (cerca de 2 milhões de combatentes e 500 mil baixas).

6ª) Novos Fatores de Instabilidade Ameaçadores da

As capacidades de engajar o inimigo desde o mais longe possível, exercer ação de choque de modo a desestruturá-lo e ocupar fisicamente as áreas vitais ou estratégicas devem ser priorizadas.

Ordem: ascensão de novos atores: Alemanha, Estados Unidos da América (EUA), Itália e Japão. Consolidação das motivações ideológicas/psicológicas da Revolução Francesa e surgimento do nacionalismo e a auto-determinação dos povos.

PERÍODO ENTRE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL (1914/1918) E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939/1945), 20 ANOS DE ESTABILIDADE CONTROLADA

1ª) Conflito Extenso Gerador da Nova Ordem: Primeira Guerra Mundial (1914 / 1918), o número de perdas humanas totalizou 19 milhões e o de combatentes, 68 milhões. O conflito envolve praticamente todas as nações.

2ª) Nova Ordem, atores: equilíbrio do poder artificial, negação da concretização do potencial alemão pela criação de medidas punitivas (indenizações) e geopolíticas (criação de estados tampões). Criou-se a Liga das Nações sob os princípios morais e não da avaliação do poder relativo. As principais forças econômicas e com potencial militar, EUA, Alemanha e URSS, ficaram fora da Liga das Nações.

3ª) Base Subjetiva da Nova Ordem: não houve uma base subjetiva, e sim uma dicotomia entre uma utopia moral: democracia, autodeterminação e segurança coletiva como base para evitar os conflitos, e a realidade geopolítica. Tal configuração determinou duas esferas de ação: a opinião pública geral e alguns governos que acreditaram no pacifismo, na redução de armamentos e na segurança coletiva; e aqueles que possuíam uma interpretação mais realística e que hipotecaram sua segurança no preparo de suas Forças Armadas e no estabelecimento de alianças.

4ª) Base Política da Nova Ordem: democracias liberais e totalitarismo na URSS e, posteriormente, na Alemanha.

5ª) Conflitos de Baixa Intensidade controlados pela Nova Ordem: Guerra Civil Russa (intervenção das democracias capitalistas na contenção da revolução bolchevista); invasão do Ruhr pela França e Bélgica; invasão japonesa da Mandchúria; invasão italiana da Abissínia; reocupação alemã da Renânia; desmembramento da Tchecoslováquia e posterior ocupação alemã. Há a incidência de um conflito médio, precursor do próximo conflito extenso: guerra civil espanhola (1 milhão de combatentes e 500 mil baixas)

6ª) Novos Fatores de Instabilidade Ameaçadores da Ordem: revisionismo alemão do Tratado de Versalhes. Decadência das democracias e ascensão dos regimes

totalitários após a crise econômica da década de 30. Pacifismo e confusão estratégica das democracias europeias, acompanhado do isolacionismo norte-americano. Dificuldade de substituir o equilíbrio do poder pelos ideais de segurança coletiva. Ascensão econômica e militar da Alemanha e do Japão.

PERÍODO ENTRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939/1945) E A IMPLOÇÃO DO IMPÉRIO SOVIÉTICO (1991), 50 ANOS DE ESTABILIDADE CONTROLADA

1ª) Conflito Extenso Gerador da Nova Ordem: Segunda Guerra Mundial (1939/1945), o número de perdas humanas chegou, no mínimo, a 45 milhões e o número de combatentes totalizou cerca de 100 milhões. O conflito envolve todas as nações europeias, suas colônias e, praticamente, todo o planeta.

2ª) Nova Ordem, atores: Bipolaridade (EUA e URSS), equilíbrio do poder entre dois Impérios com áreas estratégicas vitais bem definidas e áreas de contato flexíveis.

3ª) Base Subjetiva da Nova Ordem: a nova ordem foi construída sob duas visões distintas: a norte-americana que retorna aos princípios da Liga das Nações reforçados pelo livre mercado e a visão soviética, herdeira da mentalidade russa, de atender seus desígnios geopolíticos de máxima segurança por meio do equilíbrio do poder, reforçada pelos ideais do socialismo. Os EUA tentavam garantir a segurança coletiva com a criação de uma aliança global (EUA, URSS, Inglaterra, França e China), os aliados que combateram o nazismo, que teriam a capacidade e o interesse de assegurar a paz e a nova ordem. São exatamente esses dois requisitos, a capacidade e o interesse, que impediram e ainda impedem qualquer iniciativa de segurança coletiva baseada no conceito de justiça e igualdade. No final todas as concepções de estabilidade tiveram como fundamento o equilíbrio do poder e o interesse nacional de cada nação. O resultado foi, talvez, a ordem mundial de maior estabilidade, com áreas estratégicas vitais bem definidas, reconhecidas e respeitadas pelos dois lados. Os conflitos ocorriam nos "limes", limites extremos dessas áreas. O período compreendido entre a Segunda Guerra Mundial e a queda da União Soviética configura uma ordem mundial muito específica, semelhante com a do período clássico entre o Império Romano e o Império Persa (Parto/Sassânida). Considerando a estabilidade e a ordem mundial, a configuração imperial é a mais eficaz, pois é caracterizada por um poder superior capaz de impor sua vontade e estabilizar ou limitar os conflitos

entre os demais. É interessante observar que nenhum dos dois impérios tinha a capacidade de estender seu poder por todo o planeta. As dificuldades para estender sua área de influência no Vietnã (no caso dos EUA) e no Afeganistão (no caso da URSS) comprovam essa incapacidade. Quando um dos dois tentou ameaçar as áreas estratégicas vitais do outro (casos dos mísseis norte-americanos na Turquia e mísseis soviéticos em Cuba), a possibilidade de confronto militar, incluindo o emprego do armamento nuclear, chegou bem perto de sua concretização. Esses fatos desdizem a premissa de que o armamento nuclear impossibilita o emprego da expressão militar.

4ª) Base Política da Nova Ordem: democracias liberais e socialismo.

5ª) Conflitos de Baixa Intensidade controlados pela Nova Ordem: Crise de Berlim (1948); Guerra da Coreia; intervenções soviéticas na Alemanha Oriental (1953), Hungria (1956), Tchecoslováquia (1968) e Afeganistão (1981); intervenção anglo-francesa no Suez (1956); guerras envolvendo China, Índia e Paquistão; Guerra do Vietnã; Revolução Iraniana; intervenções soviéticas/cubanas na África; Guerra da Argélia; movimentos de libertação na África e Ásia; conflito árabe-israelense; Guerra Irã/Iraque e Guerra das Malvinas.

6ª) Novos Fatores de Instabilidade Ameaçadores da Ordem: ascensão de novos atores: Japão, China e União Europeia. Decadência do comunismo e colapso econômico da URSS.

PERÍODO ENTRE A IMPLOSÃO DO IMPÉRIO SOVIÉTICO (1991) E OS DIAS ATUAIS

1ª) Conflito Extenso Gerador da Nova Ordem: por ser caracterizado por um sistema imperial bipolar, pela primeira vez uma nova ordem não é configurada a partir de um grande conflito e sim pela implosão de um dos impérios.

2ª) Nova Ordem, atores - em gestação. O fato de não ter ocorrido uma guerra determinando vencedores e vencidos tem dificultado a definição da nova ordem. Procura-se manter a estrutura da ordem construída no pós 1945. Isso se reflete, sobretudo, no Conselho de Segurança que materializa os aliados que derrotaram o nazismo. As dificuldades aprofundaram-se. Se antes, sob a égide de um mundo bem definido entre as esferas norte-americana e soviética, tornava-se quase impossível estabelecer Estados iguais, na época atual, sem referências maiores, isso se agravou [4]. A estrutura de segurança coletiva permanece, mas abalada pelas atitudes das principais potências que se recusam a participar dos instrumentos que limitam sua liberdade de ação: Tribunal Penal Internacional (EUA, China e Rússia), Protocolo de Kioto (EUA), Tratado de Interdição Completa de Testes Nucleares (EUA, China, Índia e Paquistão), Tratado de Erradicação de Minas Terrestres (EUA, China, Rússia e Índia). As esferas de influência reconhecidas na ordem passada se desfizeram, ocorrendo uma corrida para restabelecer



Sentinela observa o Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro

ou conquistar novas áreas entre os principais polos de poder (EUA, União Europeia, China, Japão e Rússia). As áreas em disputas são: as ex-repúblicas soviéticas na Ásia; Pacífico Oriental; Leste Europeu; Oriente Médio e África. Ocorrem algumas tentativas de quebrar o monopólio estratégico norte-americano na América Latina (aproximação europeia, russa e chinesa no Brasil, Argentina e Venezuela). A permanência da OTAN, ANZUS (aliança militar entre Austrália, Nova Zelândia e EUA) e outras alianças norte-americanas (Japão, Taiwan, Coreia do Sul etc.) apontam o esforço dos EUA em direcioná-las de acordo com os seus interesses, apesar de não haver mais a ameaça comum que as motivou. A única estrutura que permite alguma representatividade em relação ao mundo pós Império Soviético, é o recente G-20, contudo, não tem caráter de permanência e só é acionado nos momentos de dificuldade das potências maiores. Quanto à configuração de potências, o mundo pós 1991 assemelha-se mais ao século XIX, principalmente na Ásia: série de potências semelhantes e concorrentes com áreas estratégicas em constante disputa (EUA, Rússia, China, Japão, Índia, Paquistão e Irã).

3ª) Base Subjetiva da Nova Ordem: por estar em gestação, ainda não existe uma base subjetiva consolidada, tudo dependerá do desenvolvimento e do êxito da base ideológica que permitirá ascender os novos atores protagonistas da ordem. “Toda vez que as entidades que constituem o sistema internacional mudam de caráter, segue-se, inevitavelmente, um período turbulento.” (KISSINGER, 2001, p. 883). Inicialmente buscou-se firmar nos conceitos da democracia liberal, direitos universais e liberdade de mercado, contudo, a dificuldade de se impor esses valores em sociedades instáveis, notadamente na África, Oriente Médio, Ásia e parte da América Latina tem criado conflitos e abalado a construção dessa base [5]. Os EUA exercem sua dominação sob o aparato ideológico desses conceitos, causando mais instabilidade que a construção de uma nova ordem [6].

4ª) Base Política da Nova Ordem em construção: divide-se em democracias representativas (EUA e União Europeia) e governos centralizados (China e Rússia), que possuem poder para evitar intervenções em seus territórios e não submetem o interesse nacional à opinião pública internacional. Ocorrem tendências de governos teocráticos no mundo muçulmano e governos populistas na América Latina. Por outro lado, a crescente criação de novos estados (20% a mais desde 1988) artificiais, sem um processo de formação

histórica, trouxe o advento dos “estados fracassados”. Tal processo criou várias zonas de instabilidade.

5ª) Conflitos de Baixa Intensidade controlados pela Nova Ordem em construção: intervenções humanitárias norte-americanas na Somália, Haiti e Ruanda; Secessão da Iugoslávia; Guerra do Golfo (1ª e 2ª); guerras civis no mundo muçulmano; combate ao terrorismo internacional; intervenção norte-americana no Afeganistão; intervenção russa na Chechênia e na Geórgia; conflito israelense-palestino; intervenção do Ocidente na guerra civil líbia.

6ª) Novos Fatores de Instabilidade Ameaçadores da Ordem: como a Nova Ordem está em gestação, os fatores de instabilidade são uma extensão da fase anterior.

O mundo do século XXI aponta para o aumento da competitividade entre os vários polos de poder, com previsíveis zonas de atrito ou conflito.

A vitória na Guerra Fria projetou os EUA num mundo que guarda muitas semelhanças com o sistema europeu de estados dos séculos XVIII e XIX, e com as práticas que estadistas e pensadores americanos sempre questionaram. “(...) A ordem terá que surgir, de forma muito parecida com a dos séculos passados, a partir da harmonização e do equilíbrio de interesses nacionais competitivos”. (KISSINGER, 2001, p. 882).

Contudo, a História indica o fracasso dessa harmonização, pois, conforme analisado, obteve-se êxito somente por determinado período. Tal fato aponta para a necessidade de manter-se uma estrutura de defesa dissuasória e completa como premissa básica de nossa transformação.

Envolve um risco excessivo fundamentá-la em um só cenário (guerra no meio do povo). A iniciativa de preparo por capacidades é positiva e indica exatamente a busca de uma prontidão que se contraponha a qualquer ameaça proveniente da consolidação de vários cenários. Afinal, o espectro é realmente amplo. Devemos estar prontos para atender todas as suas dimensões. As maiores potências elaboram sua doutrina nesse sentido. Não é factível concluir que mantenham uma estrutura desse porte por costume, falta de visão estratégica ou pressão da indústria de defesa. Será que estamos vendo o que os outros não veem? Como isso é possível se buscamos seus pensadores, conceitos e modelos de gerenciamento? Será que os EUA não entendem os conceitos de guerra decisiva e da informação? Será que os EUA, a nação mais eficaz na disseminação cultural de seus valores, não sabem fazer a guerra da informação?

Obviamente, a prevalência de determinada

natureza de conflito no amplo espectro muda conforme a conjuntura estratégica, contudo, existe uma parte da doutrina que necessita de tempo de maturação e não se pode correr o risco de perdê-la: mentalidade, tradição e mística. A baixa probabilidade de emprego de uma capacidade em um determinado momento não justifica o seu desprezo. Acertadamente, continuamos a desenvolver a doutrina das tropas paraquedistas apesar de não serem empregadas no mundo há setenta anos.

A máxima “quem pode mais pode menos” é ainda válida e uma boa condutora de nossa transformação, pois a realidade nos mostra que não temos tido dificuldade quanto ao desempenho de nossas tropas no combate no meio do povo. Temos chamado a atenção de exércitos mais desenvolvidos que buscam o nosso *modus operandis* nesse tipo de combate [7]. Nossas dificuldades se limitam aos processos de preparo sistematizado e na capacidade de prontidão para rapidamente enviarmos tropas de modo a apoiar nossas decisões no âmbito das relações internacionais. Contudo, para isso, não precisamos centralizar nossa doutrina nesse tipo de combate, mas sim estudar e aperfeiçoar nosso *modus operandis* e melhorar os processos de preparo e mobilização de meios.

Quais seriam os fatores desestabilizadores para a próxima confrontação extensa? Poderia ser apontado a ascensão dos novos atores: China, Índia e Brasil. No campo político, um desafio à democracia imposta. Nos países não anglo-saxões, a democracia tem sido interpretada com crescente insatisfação. Isso ocorre em toda a Ásia, onde a Rússia e a China já encontraram regimes alternativos; no mundo árabe e na África, onde nunca conseguiu se instalar; na América Latina, onde há uma decepção crescente e um fortalecimento do Estado populista; e até mesmo na Europa que, quando se manifesta alguma crise, mostra sua face violenta e xenófoba.



Engajando o inimigo pelo fogo de artilharia

Como outro fator, poderia ser citada a crescente demanda por recursos naturais finitos, notadamente alimentos, água e energia. Sabe-se que o atual modelo econômico-social não é autossustentável. As demandas crescentes de consumo, suporte vital da economia, face aos recursos disponíveis apontam para um colapso. Esse quadro determina um risco alto para os países, como o Brasil, que tenham excedentes de recursos vitais. Certamente os conflitos inerentes ao colapso em recursos naturais não serão desenvolvidos dentro dos conceitos da guerra no meio do povo. Necessitaremos efetivar alianças nas quais teremos que provar nossas capacidades militares e não será por meio da eficácia na guerra no meio do povo. Será que não aprendemos com a experiência da Força Expedicionária Brasileira (FEB) quando fomos, inicialmente, para nossos aliados, mais um peso que uma vantagem militar?

É interessante compreender que a guerra de grande extensão não foi uma opção dos líderes das diversas nações dos períodos acima. Elas simplesmente ocorreram fruto de uma conjuntura ou conformação estratégica que os levaram a dar o primeiro passo e, a partir daí, a história seguiu seu curso próprio. Se soubessem como iria acabar a guerra, os milhões de vítimas ou os custos econômicos e estratégicos, não teriam dado o primeiro passo. O fato é que a guerra é racional no seu início, mas nunca se confirmam as expectativas e seu resultado torna-se imprevisível. O Homem ainda não aprendeu essa lição. A evolução tecnológica não se traduz em evolução moral e em racionalidade. Pode-se elencar a recente intervenção dos EUA no Iraque, que os levou a um atoleiro, um dispêndio de energia, soldados e recursos, deixando o país invadido pior do que antes da invasão. O fato é que nem sempre os meios correspondem aos fins, fruto da dificuldade humana em avaliar a evolução dos acontecimentos uma vez iniciadas as ações.

Os exércitos das principais potências continuam a ser empregados nas áreas percebidas como estratégicas. Existem soldados norte-americanos empregados em um “amplo espectro” que vai desde o Japão, passando pelas ex-repúblicas soviéticas, África, Oriente Médio e Europa; soldados franceses na Ásia e na África; soldados ingleses na Ásia, na África e na América do Sul (Malvinas). A Rússia começa a recuperar seu posicionamento nas ex-repúblicas soviéticas e no Oriente Médio; e a China, poder emergente gerador da instabilidade, impõe uma ocupação “branca”, por meio do poder econômico e traslado de população chinesa, na África, Ásia e América Latina.

Saindo de cenários e passando para a evolução da Doutrina, buscando as permanências históricas, verifica-se que existiram três capacidades básicas fundamentais. A doutrina atual aponta que o sucesso de uma operação está no emprego harmônico e eficaz dos diversos sistemas operacionais, hoje reunidos em funções de combate, contudo as capacidades de engajar o inimigo desde o mais longe possível, exercer ação de choque de modo a desestruturá-lo e ocupar fisicamente as áreas vitais ou estratégicas determinam essas permanências e devem ser priorizadas.

Desde a falange grega, essas três capacidades acompanham as ações militares. Podemos apontar uma série de erros históricos decorrentes da interpretação de que um desses elementos perdeu sua importância. Desse modo, vimos as tropas germânicas e gaulesas, muito mais aguerridas, porém preponderantes em infantaria, serem sistematicamente derrotas pelos romanos, possuidores de equilíbrio entre as capacidades acima; já no período medieval, vimos a cavalaria francesa sucumbir frente ao exército inglês, harmonizado entre infantaria e apoio de fogo (arco inglês que engajava os cavaleiros franceses à distância) em *Azicourt*; no século passado a Linha *Maginot* é um exemplo de uma interpretação baseada na preponderância do apoio de fogo. Ao final da Primeira Guerra do Golfo, houve um período breve de valorização excessiva do apoio de fogo, logo descaracterizado pelo conflito seguinte no Afeganistão.

Nossa transformação deveria focar nessas três capacidades básicas. Logicamente, ao longo da História elas foram exercidas de acordo com os avanços tecnológicos e táticos. Os demais sistemas operacionais são importantes e são capazes de inviabilizar as capacidades listadas acima, mas sua principal função é potencializá-las, quer tornando-as mais eficazes, mais velozes, mais duráveis no tempo, mais ágeis ou para preservá-las das capacidades análogas inimigas. Não devemos desprezar qualquer uma dessas três

capacidades básicas. Finalmente, outro aspecto a ser considerado na nossa transformação é adesão à espécie de tipificação, produzida por analistas de época, desprovida de fundamentação histórica. Refiro-me ao que chamam de a "Era do Conhecimento", um conceito que, assim como o "Pós-Moderno", não possui base consagrada. O fato é que não estamos na era do conhecimento. O conhecimento sempre traz segurança, profundidade, estabilidade e ordem. Na época atual, nunca se viu tanta instabilidade e desordem, individual e coletiva. Não vivemos a era do conhecimento, vivemos a era da informação rasa, fragmentada, manipulada, efêmera e dúbia. O conhecimento não está disseminado, ele está onde sempre esteve: sob controle de poucos. É importante refletir sobre esse aspecto porque a repetição constante desse termo produz a falsa certeza que detemos o conhecimento somente por viver nesta época, utilizar um aparato tecnológico e ter acesso a informações de variadas fontes, sem sofrerem uma análise de discurso para determinar seus objetivos e intenções.

Como caminho para se obter conhecimento, a experiência brasileira no Centro de Instrução de Blindados (CIBld) é modelar. A partir da atualização de um armamento (o *Leopard 1A5*) construiu-se o verdadeiro conhecimento transformador, fruto da vivência e da pesquisa.

A transformação não ocorre nas estruturas organizacionais ou na base conceitual. Ela ocorre no ser humano e extrapola a cognição. O conhecimento requer esforço, o colher experiências (individuais e coletivas), o viver processos, a formulação de problemas reais e a experimentação de hipóteses para solucioná-los. Requer tempo de maturação. Qualquer outro caminho não determinará uma transformação. A criação de centros de instrução semelhantes ao CIBld e a aquisição de material atualizado pode ser um bom processo para a nossa evolução doutrinária. Sem isso é provável que repitamos a experiência da FEB, quando tivemos que ignorar a doutrina empregada e absorver uma totalmente nova e estrangeira.



Manobrando sobre o inimigo para conquistar o terreno

NOTAS/REFERÊNCIAS

[1] “Espero podermos afirmar que com isto, nesta manhã de bons fados , todas as guerras chegaram ao fim.” David Lloyd George, Primeiro-Ministro Inglês – 11 de novembro de 1918.

[2] A título de comparação, as baixas alemãs na Segunda Guerra Mundial totalizaram cerca de 8 % da população da época; já na URSS, totalizaram 13 % da população.

[3] A Guerra dos Boxers foi uma intervenção internacional semelhante àquelas que ocorre atualmente, quando se contrasta poderes muito superiores aos dos países que sofrem a intervenção, com a desestabilização política, econômica e social do país vítima (vide Iraque, Líbia, Sérvia e Síria).

[4] “Assim, pela primeira vez em dois séculos, faltava inteiramente ao mundo da década de 1990 qualquer sistema ou estrutura internacional. O fato mesmo de terem surgido, depois de 1989, dezenas de Estados territoriais sem qualquer mecanismo independente para determinar suas fronteiras – sem sequer terceiras partes aceitas como suficientemente imparciais para servir de mediadoras gerais – já falam por si.” HOBBSAWN, Eric. Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Pag 537.

[5] “Depois de 1918, e também de 1989, a ‘difusão da democracia’ não obteve senão o agravamento dos conflitos étnicos e a desagregação dos estados em áreas multinacionais e multicomuns: uma perspectiva desoladora.” HOBBSAWN, Eric. Guerra y Paz en el Siglo XXI. Barcelona: Crítica S. L. 2007. Pag 127.

[6] “Poucas coisas há mais perigosas que um Império que persegue seu próprio interesse com a crença de que está fazendo um favor à humanidade.” HOBBSAWN, Eric. Guerra y Paz en el Siglo XXI. Barcelona: Crítica S. L. 2007. Pag 75.

[7]. Em 2007, uma equipe do exército norte-americano que combatia no Iraque foi conhecer a forma como o batalhão Brasileiro de Força de Paz atuava no Haiti; assim como várias comitivas foram acompanhar a ocupação do Complexo do Alemão no Rio de Janeiro.

ARENDDT, Hannah. Entre o Passado e o Futuro. São Paulo: Editora Perspectiva S. A. 2003.

ARON, Raymond. Paz e Guerra entre as Nações. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.

_____. Estudos Políticos. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

BALANDIER, Georges. A Desordem – Elogio do Movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Editora, 1997.

DELPECH, Thérèse. El Retorno a la Barbarie en el Siglo XXI. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 2006.

HOBBSAWN, Eric. Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. Guerra y Paz en el Siglo XXI. Barcelona: Crítica S. L. 2007.

KISSINGER, Henry. Diplomacia. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A. 2001.

KLARE, Michael T. Guerras por los Recursos. Barcelona: Ediciones Urano S. A. 2003.

MEAD, Walter Russell. Uma Orientação Especial. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2006.